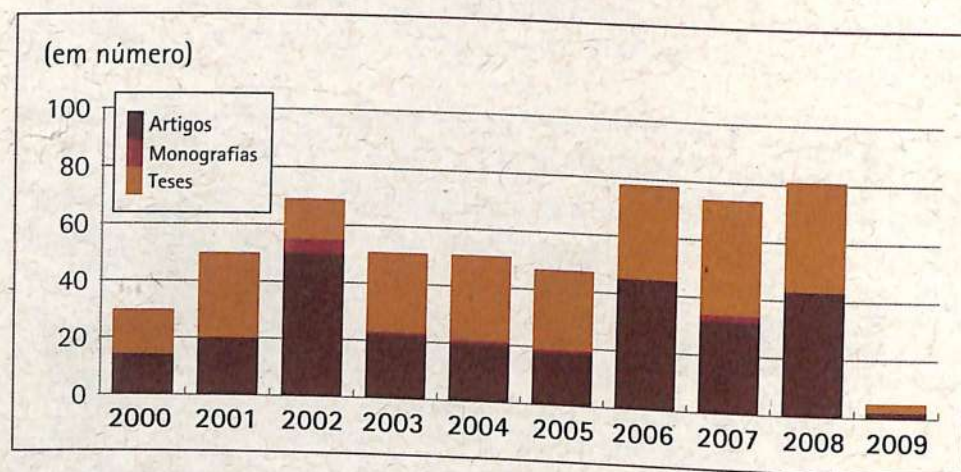


Gráfico 4: Século XXI



Na primeira década do século XXI, além dos temas clássicos elencados nas outras décadas, surgem trabalhos abordando questões sobre desenvolvimento sustentável, etnoconservação, meio ambiente e etnia (indígena e quilombola), mulheres da floresta, ecoturismo e agroturismo. A participação política de mulheres indígenas e jovens trabalhadoras também é enfatizada nesse período, assim como estudos sobre violência contra a mulher e políticas públicas de gênero para o meio rural. Cabe destacar alguns trabalhos que versam sobre identidade e subjetividade de mulheres trabalhadoras rurais e sobre o corpo.

Como apresentado, os trabalhos do CD-ROM demonstram uma grande variedade de temas que coadunam com questões mais gerais discutidas no período histórico que vai da década de 70 do século XX à primeira década do século XXI. Os trabalhos contidos no referido CD-ROM oferecem estudos de diversas áreas disciplinares e a variedade dos temas abordados oferece conteúdos importantes para se pensar a participação da mulher no meio rural, sendo uma ferramenta importante de pesquisa para os/as pesquisadores/as interessados/as na temática, podendo ser considerado um rico material que merece divulgação.

REFERÊNCIA

Gênero no meio rural: levantamento bibliográfico (recurso eletrônico) / organizado por Andréa Lorena Butto Zarzar e Patricia de Lucena Mourão. – Brasília, DF: MDA, 2010. CD; 4 ¾ pol.

ENTRE O SÍTIO E A RUA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO(A) JOVEM RURAL

Fernanda Sardelich Nascimento-Gomes¹

O presente texto é a resenha do livro *Juventude Rural: suas construções identitárias*, fruto da Tese de Doutorado em Sociologia, com o mesmo título, publicada pela editora Universitária da UFPE em 2011, de autoria de Maria de Assunção Lima de Paulo, professora da UFRPE e pesquisadora nas áreas de: Cultura, Identidade, Tempo e Espaço camponês e Juventude Rural.

O olhar para a juventude aparece com o advento da modernidade, no final do século XVII e XVIII, porém a ideia da existência da juventude só passa a ser compartilhada socialmente no século XX. Entre as inúmeras imagens vinculadas à juventude, a que ganha mais ênfase nos estudos é de período de crise (de identidade, personalidade etc.), principalmente com o advento dos estudos da Psicologia Desenvolvimentista. Entretanto, a juventude rural, enquanto categoria, embora já aparecesse antes, ainda estava invisibilizada no interior da família camponesa, consolidando-se apenas como campo de estudo na década de 1990, ao menos em países da América do Sul.

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco e Doutoranda no mesmo programa.

É sobre essa categoria, jovem rural, que Paulo (2011, p. 30) se dedica em seu livro, procurando responder a questão: “como os jovens rurais se percebem e como são percebidos pelos habitantes do meio urbano quando estão inseridos nele?”. Perseguindo essa questão, dedica-se a estudar a construção da identidade dos jovens rurais a partir dos tensionamentos suscitados na relação com o meio urbano.

Na introdução, Paulo (2011) destaca suas implicações nesse processo, posicionando-se como alguém que vivenciou essa tensão. A partir dessa experiência, tece as articulações entre as *moças* e os *rapazes*² do *sítio* e os da *rua*. Também nesse capítulo destaca suas opções metodológicas e os caminhos que serão seguidos nos capítulos que o sucedem.

No primeiro capítulo, diferentemente dos outros capítulos, detém-se nas questões teóricas apresentando as matrizes a que se filia para sua análise e construção da tese a partir de quatro eixos temáticos: 1) juventude; 2) juventude rural; 3) mundo rural; 4) identidade. Para a compreensão de juventude, alinha-se à compreensão desta a partir do olhar do curso da vida, advogando que “toda a vida só pode ser percebida como um processo, um curso em constante mudança” incluindo nessa construção a juventude (PAULO, 2011, p. 70).

Ainda neste capítulo apresenta sua compreensão sobre quatro conceitos que serão chave para o desenvolvimento de sua tese: à luz dos estudos de Abramo e Sposito, os conceitos de condição juvenil, que diz respeito ao modo como a sociedade compreende esse momento de vida, considerando as dimensões históricas e geracionais envolvidas, e de situação juvenil, que seria a forma como essa condição é vivida, tendo outros demarcadores (classe sociais, etnia, gênero, contexto social etc.) que influenciam essa vivência; a partir dos estudos de Giddens, a noção dos jovens como agentes dinâmicos que vivenciam diferentes mundos, porém atribuem “sentidos específicos e, a partir de suas ações reflexivas, interferem na transformação dessa própria família e de todo o universo rural do qual participam” (PAULO, 2011, p. 109); e, com base em Giddens e Hall, o conceito de identidade como algo que não é essencializado, fixo, sem negar os valores tradicionais, os quais, para a autora, são “reinventados, reinterpretados, pelos próprios jovens por meio de suas ações como agentes” (p.113).

2 A autora destaca que utiliza a nomenclatura *moça* do *sítio* e *rapaz* do *sítio*, em oposição aos da *rua*, por ser essa a nomenclatura utilizada pelos(as) jovens rurais. A nomenclatura *moça* apresenta também outro valor, pois são as mulheres de “reputação”, ou seja, aquelas que se mantêm virgens e não são casadas. Os(as) jovens da *rua* referem-se aos jovens da cidade (áreas urbanas).

No capítulo dois, analisa, a partir do material produzido na tese (redações e entrevistas), a questão da condição e situação juvenil. Destaca que a juventude é uma construção social, cultural e histórica, e como tal apresenta um caráter heterogêneo, definido não apenas por questões de ordem objetiva, mas também subjetiva, que tem no modo de vida, na cultura e no trabalho no interior da família os elementos definidores de sua identidade juvenil.

No capítulo três, considerando o trabalho como um dos elementos definidores da identidade rural juvenil, procurou compreender as relações que os jovens rurais estabeleciam com o mesmo. Apresenta a relação ambivalente que se estabelece, pois o trabalho tanto aparece como peso, revelando a “vida dura” do campo, do qual em muitos momentos os(as) jovens na relação com o outro da *rua* estabelecem uma relação de vergonha, como positiva enquanto “força”, neste sentido, como constituidor do caráter dos rapazes e moças do *sítio*, em contraposição aos da *rua*, mais “folgados”.

No quarto e último capítulo analítico, analisa como os espaços públicos (escola urbana e festa da padroeira) são utilizados pelos(as) jovens como espaços para relações mais íntimas (namoro, casamento e sexualidade) e de interação, surgindo tanto como espaços de amizade, amor, como de intrigas, poder e “resistência cotidiana dos jovens em relação às normas da escola como instituição formal” (PAULO, 2011, p. 51). Nesses espaços, as diferenças entre os(as) do *sítio* e da *rua* são marcadas não só pelo modo como se comportam, mas também por suas vestimentas e poder de consumo (bebidas, roupas de marca e motos). Também destaca as relações de gênero existentes e as demarcações que essa relação apresenta. Nas considerações finais, destaca o percurso utilizado ao longo de sua tese, os pontos defendidos e suas contribuições para o campo dos estudos rurais.

Esse livro apresenta importantes contribuições para o estudo da juventude, em especial a rural, para diferentes áreas do conhecimento, ampliando a visão sobre como essa categoria de análise é construída e compreendida pelos(as) próprios(as) jovens, a partir da relação com os(as) jovens urbanos(as). Destacando que os(as) mesmos(as) são agentes e, como tais, “embora faça[m] parte de uma condição juvenil, vivencia[m] uma situação juvenil específica, a partir do lugar de vida e constrói[em] sua identidade como um processo na relação com os outros [...] orientada por elementos da tradição do modo de vida ru-

ral, sempre reinventada, e da modernidade", estabelecendo uma relação dialética, entre urbanos(as) e rurais, de continuidade, descontinuidade, e complementaridade (PAULO, 2011, p. 115).

REFERÊNCIA

PAULO, Maria de Assunção de. Juventude Rural: suas construções identitárias. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. (Teses e Dissertações).

GÊNERO E GERAÇÃO EM CONTEXTOS RURAIS¹

Fernanda Sardélich Nascimento-Gomes¹

Ao reunir análises que norteiam a compreensão de vivências em áreas rurais, a coletânea *Gênero e Geração em Contextos Rurais* apresenta-se como leitura indispensável para entendimentos dos processos relacionais de gênero, geração e família nos contextos rurais, entremeados nas teias de poder e significação.

O livro está organizado em três seções. Na primeira seção – Poder, Políticas e Negociações – ficam em destaque os avanços e desafios na concretização de projetos, que congregam a bandeira de gênero, para formulação e implementação de políticas públicas para mulheres rurais, no âmbito nacional e internacional. Maria Ignez Paulilo e Cristiani Silva analisam a trajetória política de Luci Choinaski. Sua trajetória no cenário estadual (Deputada Estadual/SC) e nacional (Deputada Federal) despontam reflexões sobre as violências simbólicas sofridas pelas mulheres que ingressam na carreira política. Parry Scott, Ana

¹ SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Orgs.). Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, Pernambuco. E-mail: gisellesantos_2@yahoo.com.br.